GABARITO · Filosofia · Dos gregos à contemporânea

Prova · 10 questões · código 60013 · uso do professor

Questão	Resposta	Tema
1	**A**	Filosofia · Pré-socráticos
2	**C**	Filosofia · Sócrates
3	**E**	Filosofia · Platão
4	**B**	Filosofia · Aristóteles
5	**D**	Filosofia · Filosofia medieval
6	**A**	Filosofia · Racionalismo e empirismo
7	**C**	Filosofia · Kant
8	**E**	Filosofia · Contratualistas
9	**B**	Filosofia · Ética
10	**D**	Filosofia · Filosofia contemporânea

Comentários

1. A: para Heráclito tudo flui (devir), mas a mudança obedece a uma ordem, o logos, feita da tensão entre contrários. B é a tese de Parmênides, adversário clássico de Heráclito. C é Tales de Mileto, que também usa a água, mas como princípio, não como imagem da mudança. D é o atomismo de Leucipo e Demócrito. E inverte o projeto dos pré-socráticos, que trocam a explicação mítica pela explicação racional da natureza (physis).

2. C: o método socrático começa pela ironia (reconhecer que não sabe) e segue pela refutação (elenchos), perguntas que mostram ao interlocutor as contradições do que ele afirma, abrindo caminho para a maiêutica. A descreve os sofistas, que cobravam para ensinar retórica. B contradiz o texto: Sócrates filosofava conversando na praça. D é o oposto: ele questiona a opinião corrente. E é tese empirista moderna, anacrônica aqui.

3. E: a caverna é o mundo sensível e das aparências; o sol simboliza a Ideia do Bem (República, 508a-509b e 517b-c). A inverte a tese: as sombras são justamente o que os sentidos mostram. B contraria o texto: Platão diz que o libertado deve descer de volta para governar (519c-520c). C é leitura anacrônica. D inverte o sentido da subida, que vai da opinião ao saber.

4. B: para Aristóteles a virtude moral nasce do hábito (tornamo-nos corajosos praticando atos de coragem) e é o meio-termo entre o vício por falta (covardia) e o por excesso (temeridade). A contradiz o texto: a virtude moral não é dada pela natureza. C é a ética do dever de Kant. D é o utilitarismo de Bentham e Mill. E é a teoria da reminiscência de Platão. Meio-termo não é média matemática: depende da pessoa e da situação.

5. D: a escolástica procura harmonizar fé e razão; a primeira via usa a noção aristotélica de primeiro motor imóvel (Física VIII, Metafísica XII). A e B invertem o projeto: Tomás afirma que razão e fé não se contradizem. C é anacronismo: o método experimental é moderno (séculos XVI-XVII). E contraria a conclusão do próprio argumento. Estudar o argumento como história das ideias não exige crer nem descrer.

6. A: Descartes é racionalista; a dúvida metódica leva ao cogito, certeza alcançada pela razão. Locke é empirista: toda ideia vem da experiência (sensação e reflexão). B erra porque a dúvida de Descartes é método para chegar à certeza, não conclusão cética. C inverte os dois: Locke critica as ideias inatas no livro I do Ensaio. D troca os autores. E ignora que os dois partem do sujeito que conhece.

7. C: é o exemplo do próprio Kant na Fundamentação. A máxima da falsa promessa, se virasse lei universal, anularia a si mesma (ninguém mais acreditaria em promessas), e enganar o colega é usá-lo só como meio. A e B julgam pelas consequências, o que é utilitarismo. D é o distrator mais difícil: para Kant a moral vem da autonomia da razão, não de autoridade externa (heteronomia). E erra porque o dever não se funda em sentimento.

8. E: em Hobbes, o medo da morte e a razão levam ao pacto em que todos transferem seu direito a um soberano forte, o Leviatã (cap. XVII). A lembra Rousseau, para quem o homem natural é bom e a sociedade o corrompe. B é Locke, que admite o direito de resistência. C é a vontade geral de Rousseau, no Contrato social. D é Marx, que não é contratualista. O erro típico é misturar os três contratualistas.

9. B: o utilitarismo é consequencialista; mede a ação pelos efeitos sobre a felicidade de todos os envolvidos, contando cada um igualmente. A é a ética do dever de Kant, que olha a máxima e não o resultado. C confunde moral com tradição. D é a ética das virtudes de Aristóteles. E troca o critério moral pela vontade de quem manda. Crítica clássica ao utilitarismo: pode justificar sacrificar poucos pelo bem da maioria.

10. D: para Sartre não escolher já é escolher; fingir que não se tem liberdade é má-fé, conceito que ele desenvolve em O ser e o nada (1943). A e C supõem uma essência anterior à existência, que ele nega. B confunde: Sartre não diz que a liberdade é ilusão, e sim que não há como escapar dela. E contraria o existencialismo ateu de Sartre. A pressão dos pais é real e conta como situação; para Sartre, porém, ela não apaga a escolha.

Comentários autorais da equipe do Aprendendo Junto. Questões autorais do Aprendendo Junto (Centro de Estudos Imaizumi).